

# Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de *foco* no Português Brasileiro

(Word order change and grammaticalization in the evolution of focus structures in Brazilian Portuguese)

Mary Aizawa Kato<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Campinas (Unicamp)\*

ma.kato@uol.com.br

**Abstract:** The purpose of the paper is to show that, in the evolution of focus structures in Brazilian Portuguese, two processes were involved: a) word order change and b) grammaticalization. Changes in word order were involved in the evolution from Old to Modern Portuguese, while contemporary Brazilian Portuguese was the result of further grammaticalization.

**Keywords:** focus constructions, word order change, grammaticalization, Old Portuguese, Modern Portuguese, Brazilian Portuguese.

**Resumo:** O objetivo do trabalho é mostrar que, na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro, houve dois processos envolvidos: a) mudança de ordem e b) gramaticalização. O processo de mudança de ordem esteve envolvido na evolução do português antigo para o português moderno, enquanto a mudança via gramaticalização resultou no português brasileiro contemporâneo.

**Palavras-chave:** construções de foco, mudança de ordem, gramaticalização, português antigo, português moderno, português brasileiro.

## 1. Introdução

O presente trabalho pretende: a) apresentar um resumo dos resultados de uma pesquisa diacrônica da evolução das estruturas de focalização desde o português antigo (PA) até o português brasileiro contemporâneo (PB) (apud Kato e Ribeiro, 2007, Kato e Ribeiro, no prelo, e Kato e Mioto, 2005), b) mostrar que há dois tipos de processos envolvidos nas mudanças: mudança de ordem de palavras e gramaticalização e c) mostrar que apenas o PB sofreu o último tipo de mudança.

Mudança de ordem:

(1) a. **Maravilhosas son** estas cousas que contas, padre. (PA)

b. **São maravilhosas** estas coisas que o senhor conta, padre (PB)

Gramaticalização:

(2) a. **Foi [o Pedro]** que a Maria viu.

---

\* O projeto contou com a ajuda da Bolsa pesquisa CNPq 303274/2005-0 e faz parte do projeto Temático Fapesp 2006/00 965-2. Agradeço a Ilza Ribeiro, que não só foi co-autora na pesquisa e em diversos artigos, mas também pela leitura cuidadosa.

- b. É [o Pedro] que a Maria viu.  
 c. [O Pedro] que a Maria viu.

## 2. Definindo *Foco*

O conceito do *foco* sentencial na gerativa, complementar à noção de *pressuposto*, vem desde Chomsky (1971). O autor trata o primeiro como informação extraível a partir do elemento com acento nuclear e o segundo como a parte da sentença que resta substituindo-se o *foco* por uma variável.

O elemento que responde a uma pergunta-Q é, em geral, tomado como teste para identificar o *foco* informacional (F) da sentença (Chomsky 1971, Jakendoff 1972)

- (3) A: *O que* o ladrão levou?  
 B: O ladrão levou [<sub>F</sub> o meu laptop].  
 Pressuposto: *O ladrão levou x*
- (4) A.: *O que* o ladrão fez?  
 B: O ladrão [<sub>F</sub> levou o meu laptop].  
 Pressuposto: *O ladrão fez x*
- (5) A: *O que* aconteceu?  
 B: [<sub>F</sub> O ladrão levou o meu laptop].  
 Pressuposto: *Aconteceu x*

Note-se que a mesma sentença pode ter diferentes *focos*, dependendo da pergunta contextual. Repare, porém, que em todas elas a frase que contém o *acento nuclear* é também a frase que contém o *foco*<sup>1</sup>.

## 3. O *foco* no sujeito

Em línguas românicas que contam com a inversão românica<sup>2</sup>, o sujeito focalizado recebe o acento nuclear na posição pós-verbal, como nos demais casos, casos em que não representamos em maiúsculas. Em línguas como o inglês e o francês, que não contam com a inversão V(O)S, é o sujeito que recebe acento (representado em maiúsculas), com os demais sendo desacentuados. É o que chamamos *focus-in-situ*.

- (6) A: *Chi* ha parlato?  
 B: Ha parlato [<sub>F</sub>Gianni]. (*Foco* no sujeito posposto)  
 Pressuposto: *x há parlato*
- (7) A: *Who* called?  
 B: [<sub>F</sub> JOHN ] called. (*Foco-in-situ*)  
 Pressuposto: *x called*
- (8) A: Qui a téléphoné?  
 b. [<sub>F</sub>JEAN] a téléphoné.  
 Pressuposto: *x a telefone*

<sup>1</sup> Veja exemplos em espanhol em Zubizarreta (1998)

<sup>2</sup> O Francês é, por exemplo, uma língua que não conta com sujeito posposto, propriedade daquelas que pertencem ao parâmetro do sujeito nulo.

No caso do sujeito no PB, se o verbo permitir sujeitos pós-verbais<sup>3</sup>, o *foco* pode aparecer em posição pós-verbal, utilizando o mesmo acento nuclear da sentença. Caso contrário, com verbos transitivos e outros tipo de inergativos a estratégia é de línguas como inglês e o francês, isto é, *foco-in-situ*.

- (9) A. *Quem* chegou?  
 B1. Chegou [<sub>F</sub> o cliente das 10].  
 Pressuposto: *x chegou*
- (10) A: *Quem* perdeu o avião?  
 B2. [<sub>F</sub> A MARIA] perdeu o avião./ \* Perdeu o avião [<sub>F</sub> a Maria]  
 Pressuposto: *x perdeu o avião*

#### 4. *Foco contrastivo*

O *foco-in-situ* é uma estratégia mais geral quando se trata de *foco contrastivo* (representado em maiúsculas), que pode ser usado para qualquer constituinte, independentemente de língua. A função é, em geral, metalingüística, corretiva.

- (11) a. Roubaram o MEU laptop, não o teu.  
 b. They stole MY laptop, not yours.

Quando o sujeito recebe acento *in-situ* em línguas que não contam com sujeito posposto, o tipo de *foco* é ambíguo: não contrastivo ou contrastivo. Só o contexto pode dizer de que *foco* se trata. Mas se o *foco* informacional pode ser extraído de um sujeito posposto, o sujeito com acento nuclear *in-situ* só recebe interpretação de contraste.

- (12) a. Comió una manzana Pedro.  
 b. Ha mangiato una mela Gianni.
- (13) a. JUAN comió una manzana ( no Pedro).  
 b. GIANNI ha mangiato una mela (non Piero)

#### 5. *Foco via pseudo-clivagem e clivagem*

Há um tipo de padrão sintático no português e em outras línguas que marca o *Foco* através da cópula em construções especializadas. São as chamadas sentenças *clivadas* e *pseudo-clivadas*. A diferença entre as duas está no tipo de palavra-Q que introduz a subordinada. Nas *clivadas* é um subordinador invariável *que*, do tipo complementizador, enquanto nas *pseudo-clivadas* é o mesmo introdutor das relativas livres<sup>4</sup>. A subordinada de ambos os tipos pode aparecer elíptica.

As *clivadas* e *pseudo-clivadas* podem exercer as mesmas funções da sentença *não-marcada* sem a cópula. Elas podem, assim, transmitir um *foco* informacional

- (14) A: *O que* o ladrão levou?  
 B1 (O ladrão levou) [<sub>F</sub> o meu laptop]. (sentença não-marcada)

<sup>3</sup> O PB está perdendo a inversão românica, com exceção de verbos inacusativos e alguns verbos inergativos (cf. Andrade Berlinck 1995).

<sup>4</sup> Veja uma análise diferente em Míoto e Negrão (2007), para quem nenhum tipo de *clivada* contém uma relativa.

- B2: Foi [F O MEU LAPTOP] (**o que** o ladrão levou) (pseudo-clivada)  
 B3: Foi [F O MEU LAPTOP] (**que** o ladrão levou). (clivada)

- (15) A: *Quem* falou?  
 B1: [F O JOÃO] falou. (sentença não-marcada)  
 B: Foi [F O JOÃO] (**quem** falou). (pseudo-clivada)  
 B': Foi [F O JOÃO] (**que** falou) (clivada)

Mas as clivadas e pseudo-clivadas podem também marcar um *foco* contrastivo:

- (16) a. Foi [F O MEU] laptop **o que** o ladrão levou, não o teu. (pseudo-clivada)  
 b. Foi [F O JOÃO] **quem** falou, não o Pedro. (pseudo-clivada)
- (17) a. Foi [F O MEU] laptop **que** o ladrão levou, não o teu. (clivada)  
 b. Foi [F O JOÃO] **que** falou, não o Pedro. (clivada)

## 6. Variação de ordem nas pseudo-clivadas e nas clivadas (Cf. Casteleiros 1979, Wheeler 1982, Kato et al 1996, Modesto 2001)

Vimos até agora que as pseudo-clivadas e as clivadas aparecem com a cópula em posição inicial. Mas este é apenas um padrão de ordem possível

Com as pseudo-clivadas, podemos ter as seguintes possibilidades de variação de ordem:

- |    |   |         |
|----|---|---------|
| a) | a cópula em primeira posição (I)                              | PC-I    |
| b) | a cópula em segunda posição (II), precedida do <i>foco</i>    | PC-II-1 |
| c) | a cópula em segunda posição (II), precedida da relativa livre | PC-II-2 |
- (18) a. **Sou** [F EU] quem mais trabalha na empresa. Padrão PC-I  
 b. [F EU] **sou** quem mais trabalha na empresa. Padrão PC-II-1  
 c. *Quem* mais trabalha nesta empresa **sou** [F EU]. Padrão PC-II-2

Com as clivadas, podemos ter as seguintes ordens:

- |    |                                  |              |
|----|----------------------------------|--------------|
| a) | a cópula em primeira posição (I) | Padrão Cl-I  |
| b) | a cópula em segunda posição (II) | Padrão Cl-II |
- (19) a. Sou [F EU] **que** mais trabalho nessa empresa. Padrão Cl I  
 b. [F EU] é **que** mais trabalho nessa empresa. Padrão Cl II

## 7. Tipo de clivagem e concordância

Além da diferença entre tipos de palavra-Q -- variável nas pseudo-clivadas e invariável nas clivadas -- há outra diferença entre os dois tipos de clivagem. O fator concordância.

Com as pseudo-clivadas, a cópula concorda com o *foco*, enquanto a concordância dentro da relativa livre é sempre na terceira pessoa, pois o verbo concorda com a cabeça da relativa livre, que é terceira pessoa.

- (20) a. **Sou** eu quem mais **trabalha** nesta empresa. (Padrão PC I)  
 b. Eu **sou** quem mais **trabalha** nesta empresa. (Padrão PC II-1)  
 c. Quem mais **trabalha** nesta empresa **sou** eu. (Padrão PC II-2)

- (21) a. **São** os livros o que mais **pesa** na mala. (Padrão PC I)  
 b. Os livros **são** o que mais **pesa** na mala. (Padrão PC II-1)  
 c.. O que mais **pesa** na mala **são** os livros. (Padrão PC II-2)

Com as clivadas, por outro lado, o verbo da subordinada concorda com o elemento focalizado.

- (22) a. Sou **eu** que **sou** preguiçosa?. (Padrão CI I)  
 b. São **as crianças** que **fazem** barulho. (Padrão CI I)

Mas o aspecto mais instigante é o Padrão CI II (chamado também de Clivada Inversa), no qual a cópula está em segunda posição e não apresenta concordância nem com o *foco* e nem com o verbo da subordinada. Isso mostra que a Clivada (II), Inversa, não é derivada da CI I.

- (23) a. Eu **é** que **sou** preguiçosa /\*EU **sou** que **sou** preguiçosa.  
 b. Nós **é** que **fazemos** o trabalho./ \*NÓS **somos** que **fazemos** o trabalho.

A explicação desse fato virá na seção 9.

## 8. Evolução das estruturas de focalização no português (apud Kato e Ribeiro 2007)

O Português Antigo (PA) foi analisado como uma língua V2 (Ribeiro, 1995a, 1995b), isto é, cujo padrão mais geral é xVy, com o sujeito frequentemente como o elemento y. Padrões com mais de um elemento antecedendo o verbo são excepcionais. Comparem-se os padrões do PA com os do PB:

- (24) a. Com tanta pazeença **sofria** ela esta enfermidade PA  
 b. Maravilhosas **son** estas cousas que contas, padre PA  
 c. Que **tem** Deus de ver comigo? PA
- (25) a. Com tanta paciência ela **sofria** esta enfermidade. PB  
 b. **São** maravilhosas estas coisas que o senhor conta, padre. PB  
 c. O que Deus **tem** a ver comigo? PB

Veja-se que, no PB, podemos ter mais de um sintagma antes do verbo, constituindo uma construção V3, ou ainda podemos ter o verbo iniciando a sentença, inclusive a cópula.

No PA o *foco* aparecia em posição inicial com o padrão V2, *stricto sensu*, isto é, com quaisquer verbos ocupando a segunda posição. O elemento-Q das interrogativas é um tipo de *foco*.

- (26) a.e [F EN ESTO [ **pecava** ainda mortalmente PA  
 b. [F BEN [**sei** eu ainda algũa cousa deste santo homen PA  
 c. [F COMO [ **posso** eu seer monge? PA

Os padrões que têm o *foco* em posição inicial, também chamadas Clivadas II, e Pseudo-clivadas II, ou inversas, têm a cópula em segunda posição. Logo, são também estruturas V2, mas, no início, só as pseudo-clivadas inversas aparecem timidamente no

PA<sup>5</sup>. As clivadas inversas começam a aparecer no final do século XIV e início do XV, ou na gramática a que vamos nos referir como do *Português Clássico (PCL)*.

Pseudo-Clivadas Inversas:

- (27) a. [F DEUS SOO] *é* o que me ha de julgar. PA  
b. [F EL SOL] *é* aquel que pode perdoar os pecados. PA

Clivadas Inversas:

- (28) a. E [F ASSI] **foy** que a molher houve de morrer. (XIV)  
b. ca [F TAL COUSA] *é* que eu quiria mais encobrir ca vos mesmo. (XV)  
c. [F AQUESTE] *é* que eu cuidio. (séc XVI)  
d. E [F ISSO] *é* que se chama postura (séc XVII)  
e. E [F QUANDO] *é* que o mostra? (séc XVII)

Clivadas e pseudo-clivadas com cópula inicial e *foco* pós-cópula é uma inovação do século XVIII, no *Português Moderno (PMOD)*, com o declínio da sintaxe V2.

- (29) a. *é* [F O REI LEGÍTIMO] que devemos opor ao usurpador. (séc XVIII)  
b. *é* [F NAS MÃOS DE VOSSA EMINÊNCIA] que eles depositam hoje a sorte da Igreja e da França (séc. XVIII)
- (30) *é* [F ÊLE MESMO] **a quem** a França ameaça. (séc XIX)

Fica claro, pois, que o padrão inverso das clivadas e pseudo-clivadas aparece posteriormente às clivadas com a cópula inicial. Derivar, portanto, as inversas das não-inversas não parece ser o caminho certo para a análise derivacional

Passamos a seguir a forma como Kato e Ribeiro (no prelo) derivam as sentenças clivadas e pseudo clivadas.

## 9. A derivação das diferentes ordens das pseudo-clivadas e clivadas (apud Kato e Ribeiro, no prelo)

### 9.1. As pseudo-clivadas<sup>6</sup>

Kato e Ribeiro (no prelo) propõem que os três padrões das pseudo-clivadas se originem de uma mesma estrutura de mini-oração (MO), que dá origem a sentenças equativas (v. tb Kato e Nascimento, 1995; Kato et alii, 1996 e Modesto, 2001). Para dar o exemplo da derivação de uma equativa, vejamos como se originam os 3 tipos de sentença

- (31) a. O culpado sou [eu].  
b. Sou [EU] o culpado.  
c. [EU] sou o culpado.

<sup>5</sup> O único pronome relativo que aparece inicialmente é *o que*, tanto para antecedente +humano quanto – humano. Os adjuntos aparecem só mais tarde (Lopes Rossi 1996).

<sup>6</sup> Estamos considerando apenas as pseudo-clivadas especificacionais e não as predicacionais. A sentença *O que o João é importante*, tem duas leituras; a) *É o que o João é que é importante* (predicacional) e b) *É o João que é importante* (especificacional). (cf. Miotto 2008)

Para (31a), monta-se a MO, mas não se acrescenta o traço de *foco* a nenhum constituinte.

(32) [MO o culpado [eu]]

A seguir a) insere-se a cópula em VP, que sobe para T ; b) a cópula em T faz a concordância<sup>7</sup> com o pronome de 1ª pessoa<sup>8</sup>; e finalmente c) o predicado *o culpado* sobe para Spec de T, que tem traços EPP. A interpretação de *foco* se dá apenas pelo acento nuclear.

(33) a. ser [MO o culpado [eu]]  
 b. [ sou<sub>i</sub> [VP t<sub>i</sub> [MO o culpado [ t<sub>j</sub> ] ] ]  
 ↑ \_\_\_\_\_ |  
 c. [TP o culpado<sub>i</sub> [sou<sub>c</sub> [VP t<sub>c</sub> [MO t<sub>i</sub> [ eu<sub>j</sub> ] ] ] ]

Para (31b. e c.) monta-se uma mini-orção (MO), mas com o predicado da MO com traço de *foco*;

(34) [MO o culpado [F EU]]

Para (31b) a) insere-se uma projeção FP para onde o *foco* pode subir; b) em seguida acrescenta-se a cópula em VP; c) com a subida do verbo copular para T faz-se a concordância por AGREE.

(35) a. [FP EU<sub>i</sub> [MO o culpado [ t<sub>i</sub> ] ]  
 ↑ \_\_\_\_\_ |  
 b. ser [FP EU<sub>i</sub> [MO o culpado [ t<sub>i</sub> ] ]  
 c. [TP sou<sub>j</sub> [VP t<sub>j</sub> [FP EU<sub>i</sub> [MO o culpado [ t<sub>i</sub> ] ] ]  
 \_\_\_\_\_ ↑

Para (31c) a) insere-se a cópula em VP, a qual sobe para T; b) a cópula em T faz a concordância, por AGREE, com o pronome de 1ª pessoa; c) projeta-se FP acima de TP para onde se move o *foco*.

(36) a. ser [MO o culpado [F EU]]  
 b. [TP sou<sub>i</sub> [VP t<sub>i</sub> [MO o culpado [F EU]] ]  
 \_\_\_\_\_ ↑  
 c. [FP EU<sub>j</sub> [TP sou<sub>i</sub> [VP t<sub>i</sub> [MO o culpado [F t<sub>j</sub> ] ] ]  
 \_\_\_\_\_ ↑

A derivação da pseudo-clivada segue na mesma linha.

(37) a. **Quem** mais *trabalha sou* [F EU].  
 b. *Sou* [F EU] **quem** mais *trabalha*.  
 c. [F EU] *sou quem* mais *trabalha*.

Para (37a), a) monta-se a MO, mas não se acrescenta o traço de *foco* a nenhum constituinte; b) insere-se a cópula em VP, a qual sobe para T e faz a concordância por

<sup>7</sup> Kato e Ribeiro (no prelo) adotam o modelo de concordância por AGREE entre o núcleo “probe” e a meta “target” (detalhes em Chomsky 2000 e 2001)

<sup>8</sup> A concordância não se dá com *culpado* porque este só tem traços-φ não interpretáveis.

AGREE com a 1ª pessoa, c) a relativa livre sobe para spec de T para satisfazer seus traços de EPP.

- (38) a. [MO Quem mais trabalha [eu]]  
 b. sou<sub>c</sub> [VP t<sub>c</sub> . [MO Quem mais trabalha [eu]]  
 |\_\_\_\_\_↑  
 c. [TP[Quem mais trabalha]<sub>i</sub>; sou [t<sub>c</sub> [MO t<sub>i</sub> [eu]]]  
 ↑\_\_\_\_\_|

Para os padrões (37b) e (37c), monta-se uma mini oração com a relativa livre como sujeito e com o predicado marcado como *Foco predicativo*.

- (39) [MO Quem mais trabalha [F EU ]]

Para (37b) a seguir, a) projeta-se um FP para onde pode subir o *Foco* e o *Foco* sobe para o spec de FP; b) insere-se a cópula em VP, que sobe para T e faz-se a concordância com a 1ª pessoa por AGREE.

- (40) a. [FP EU<sub>i</sub> [MO quem mais trabalha [ t<sub>i</sub> ]]  
 b. [ sou<sub>c</sub> [VP t<sub>c</sub> [FP EU<sub>i</sub> [MO quem mais trabalha [ t<sub>i</sub> ]]]]  
 |\_\_\_AGREE\_↑

Para (37c), a) insere-se a cópula, que sobe para T e faz a concordância, por AGREE, com o pronome de 1ª pessoa; b) projeta-se FP acima de TP para onde se move o *foco*.

- (41) a. sou<sub>c</sub> [VP t<sub>c</sub> [MO quem mais trabalha [ EU ]]  
 |\_\_\_\_\_↑  
 b. [FP EU<sub>i</sub> [TP sou<sub>c</sub> [VP t<sub>c</sub> [MO quem mais trabalha [ t<sub>i</sub> ]]]]  
 ↑\_\_\_\_\_|

## 9.2. As clivadas

Ao invés de elas correlacionarem as pseudo-clivadas e as clivadas, ou mesmo as clivadas entre si, Kato e Ribeiro (no prelo) propõe que os dois tipos de clivadas são não só independentes das pseudo-clivadas, mas também entre si.

Para as autoras, a clivada inversa é derivada de uma estrutura que Casteleiros (1979) chama de *Clivada Apresentativa*. Ela ocorre no contexto em que a sentença toda é o *foco*:

- (42) A: O que aconteceu? / O que foi?  
 B1: [F O ladrão levou o meu laptop]. (sentença simples)  
 B2: É **que** [F o ladrão levou o meu laptop]. *Clivada Apresentativa*

A Clivada Apresentativa não tem, no domínio da subordinada, uma projeção para onde se pode levar o *foco*. Na clivada inversa, portanto, o *foco* sobe direto para a periferia à esquerda da sentença raiz, que pode conter um FP.

- (43) a. É **que** [ o ladrão levou [ +F O meu laptop ]].  
 b. [FP [ O ladrão ]<sub>i</sub> [ é [ CP **que** [ t<sub>i</sub> levou o meu laptop. ]]]] (clivada inversa)  
 ↑\_\_\_\_\_|



Para se derivar a Clivada I, não-inversa, o português passa a poder projetar FP na periferia da subordinada. O *foco* passa a poder aterrisar no spec da projeção FP da subordinada em vez de subir até a raiz. Esta é uma inovação apenas para línguas que tem um FP mais baixo, na periferia à esquerda do VP, além da periferia da raiz, como o italiano (cf. Belletti 2004)<sup>9</sup>.

(44) [ É <sub>[FP]</sub> [o ladrão]<sub>i</sub> [ **que**<sub>+F</sub> [ \_\_\_ levou o meu laptop]

Se o complementizador **que** tiver o traço +F (de *Foco*) , ele segura o *Foco* no FP mais baixo. Se o **que** não tiver esse traço, e for um mero complementizador, o *foco* sobe para o FP da periferia à esquerda da sentença matriz.

## 10. As clivadas típicas do PB: resultado de gramaticalização (apud Kato e Miotto 2005)

Vimos na seção 8 que as pseudo-clivadas e clivadas apresentam relações distintas de concordância.

No caso da pseudo-clivada, a cópula concorda com o *foco*.

(45) a. **Quem** mais *trabalha* nesta empresa *sou* <sub>[F<sub>eu</sub>]</sub>.  
 b. <sub>[F<sub>P</sub>Eu]</sub> *sou* **quem** mais *trabalha* na empresa.  
 c. *Sou* <sub>[F<sub>P</sub>eu]</sub> **quem** mais *trabalha* nesta empresa.

(46) a. **O que** *pesa* na mala *são* <sub>[F<sub>os</sub> livros]</sub>.  
 b. <sub>[F<sub>P</sub>Os livros]</sub> *são* **o que** mais *pesa* na mala.

No caso da clivada, a clivada e a clivada inversa não apresentam o mesmo padrão de concordância. Enquanto na clivada não-inversa a cópula e o verbo da subordinada concordam com o *foco*, a clivada inversa exibe uma cópula invariável.

(47) a. *Sou* <sub>[F<sub>P</sub>EU]</sub> **que** mais *trabalho* aqui.  
 b. *São* <sub>[F<sub>P</sub> OS LIVROS]</sub> **que** *pesam* na mala.

(48) a. <sub>[F<sub>P</sub>EU]</sub> **é** que mais *trabalho* aqui.  
 b. <sub>[F<sub>P</sub> OS LIVROS]</sub> **é** que mais *pesam* na mala.

No PB, ocorrem mais duas variantes para a clivada não inversa quando a cópula não está no presente. São resultados de gramaticalização. Uma delas é a cópula aparecer na forma invariável, no presente (49b), e a outra é o apagamento da cópula (49c):

(49) a. **Foi** <sub>[F<sub>O</sub> PEDRO]</sub> que a Maria viu.  
 b. **É** <sub>[F<sub>O</sub> PEDRO]</sub> que a Maria viu.  
 c. <sub>[F<sub>O</sub> PEDRO]</sub> que a Maria viu.

O mesmo pode ser visto nas interrogativas:

(50) a. [Quem] **foi** que a Maria viu?  
 b. [Quem] **é** que a Maria viu?  
 c. [Quem] \_\_\_ que a Maria viu?

<sup>9</sup> Esta posição é também o lugar de pouso do sujeito posposto focalizado como em (i) *Há parlato Giani*, (ii) *E partito Gianni*. (Beletti 2004).

Na verdade, Kato e Miotto (2005) propõem que a forma sem a cópula nas interrogativas não se origina da gramaticalização da forma (50b)<sup>10</sup>, mas sim de (51b):

- (51) a. **Foi** [<sub>FP</sub>quem] que a Maria viu?  
b. **É** [<sub>FP</sub>quem ] que a Maria viu?  
c. **—** [<sub>FP</sub>quem ] que a Maria viu?

Kato e Miotto (2005) argumentam que apagamento da cópula pode ocorrer em outros contextos, mas só quando em início de sentença.

- (52) a. \* O seu cabelo **—** bonito.  
b. **—** Bonito o seu cabelo.

### Conclusões:

A evolução constatada do *PA* para o *PCI* e para o *PMod*, nas pesquisas de Kato e Ribeiro (2007 e no prelo) pode ser resumidamente descrita como se segue:

*PA*: língua V2, *Foco* somente na periferia à esquerda da sentença raiz, com a existência apenas do tipo inverso de clivadas, tanto as pseudo como as clivadas.

*PCI*: início de perda de V2 com verbos plenos, mas manutenção de V2 com a cópula e *Foco* ainda em primeira posição.

*PMod*: emergência de *Foco* em posição pós-cópula: clivadas canônicas.

O *PB* continua a mudar em relação somente às clivadas, que sofrem dois processos de gramaticalização: a) a neutralização temporal da cópula e b) o apagamento da cópula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE BERLINCK, R. 1995. *La Position du Sujet en Portugais: Étude Diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Leuven, Katholieke Universiteit: Tese de Doutorado.
- BELLETTI, A. 2004. Aspects of the low TP area. In *The structure of CP and TP. The Cartography of Syntactic Structures*. RIZZI, L. (ed), vol. 2: 16-51. Oxford University Press, New York.
- CASTELEIRO, J. M. 1979. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *É QUE*. *Boletim de Filologia*, tomo XXV: 97-166, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- CHOMSKY, Noam. 1971. Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D. and JAKOBOVITS, L. (eds) *Semantics: an interdisciplinary reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_, Noam. 2000. Minimalist inquiries: the framework. In: *Step by step: essays on minimalism in honor of Howard Lasnik*. MARTIN, R., Michaels, D., & URIAGEREKA, J., 89-155. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- KATO, M. A, Braga, M. L., LOPES ROSSI, M. A., SIKANSI, N. & CORREA, V. 1996. Construções-Q na gramática do português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: *Gramática do Português Falado, Vol VI: Desenvolvimentos*, KOCH, I. G. V. (ed), 303-370. Editora da UNICAMP, Campinas.

---

<sup>10</sup> Foi essa a análise proposta em Kato e Raposo (1996)

KATO, M. A. & MIOTO, C. 2005. A multi-evidence study of European and Brazilian Wh-questions. In: *Linguistic evidence: theoretical, quantitative and computational perspectives*, S. Kepser & M. Reis. (eds). Hague: Mouton.

---

KATO, M.A. e M.do Nascimento .1995. O estatuto dos nominais pós-verbais dos verbos inacusativos. *Revista de Estudos da Linguagem*, ANO IV, n.3:31-74.

KATO, M. & RIBEIRO, I. 2007. A evolução das estruturas clivadas no português. In: *Para a História do Português Brasileiro*, v. 6: A experiência dos grupos de estudo, LOBO, T., RIBEIRO, I., Carneiro, Z. & ALMEIDA, N. (orgs), Tomo I: 165-182. EDUFBA, Salvador.

KATO, M.A. & RIBEIRO, I. no prelo. Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, A. & JACOB, D. (eds). *Focus and Background in Romance Languages*. John Benjamins.

LOPES ROSSI, M.A. (1996) As orações interrogativas-Q no Português do Brasil : um estudo diacrônico. UNICAMP: Tese de Doutorado.

MODESTO, M. 2001. *As Construção Clivadas no Português do Brasil*. São Paulo: Editora Humanitas.

MIOTO, C. & NEGRÃO, E. V. 2007. As sentenças clivadas não contém uma relativa. In: *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*, A. Castilho, M. A. Torres-Morais, R. E. V. Lopes & S. M. L.Cyrino (eds). Ed. Pontes /FAPESP, Campinas/São Paulo.

RIBEIRO, I. 1995a. O Efeito V2 no Português Arcaico. UNICAMP: Tese de Doutorado..

RIBEIRO, I. 1995b. Evidence for a verb-second phase in Old Portuguese. In *Clause Structure and language Change*. A. Battye & I. Roberts (eds). 110-139. Oxford University Press, New York.

WHEELER, D. 1982. Portuguese pseudo-clefts: evidence for free relatives. *Eighteenth regional meeting Chicago Linguistic Society*: 507-520.

ZUBIZARRETA, M. L. 1998. *Prosody, Focus and Word Order*.: The MIT Press, Cambridge, Mass.

---